

Desencontro: uma análise do espaço narrativo a partir da Filosofia Existencialista

Disencontro: an analysis of narrative space from Existentialist Philosophy

Desencuentro: una análisis del espacio narrativo desde la Filosofía Existencialista

Recebido: 12/08/2020 | Revisado: 23/08/2020 | Aceito: 25/08/2020 | Publicado: 29/08/2020

Ronilson de Sousa Lopes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7684-8954>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil

E-mail: ronilson.lopes@ifam.edu.br

Claudia da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3888-5970>

Instituto de Estudos Superiores do Maranhão, Brasil

E-mail: marvite.mc@hotmail.com

Luciano da Silva Façanha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1178-4018>

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

E-mail: lucianosfacanha@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o espaço na obra *Des/encontro*, do escritor Cearense João Uilson Vieira Filho, para isso caberá investigar como o narrador descreve os aspectos relacionados a angústia na vida da personagem Lancimar, verificar como os aspectos do passado influenciam no cotidiano da personagem contribuindo assim para uma vida de aflição e averiguar como Lancimar consegue superar as atitudes de má-fé, assumindo assim os seus atos frente à vida. Utilizaremos o método de pesquisa bibliográfica, em obras de autores que já estudaram e aprofundaram o assunto e como aporte teórico para descrição do espaço a obra *Poéticas do Espaço Literário*, de Ozíris Borges Filho e para análise do existencialismo o livro *O Ser e o Nada* do filósofo Jean-Paul Sartre. Acreditamos que um sucesso consegue superar a má-fé e viver de forma autêntica.

Palavras-chave: Literatura; *Des/encontro*; Má fé; Angústia; Existencialismo.

Abstract

This article aims to analyze the space in the work *Des/encontro*, by the writer João Uilson Vieira Filho, for this it will be up to investigate how the narrator describes the aspects related

to anguish in the life of the character Lancimar, to verify how aspects of the past influence the daily life of the character thus contributing to a life of distress and, to ascertain how Lancimar manages to overcome the attitudes of bad faith, thus assuming his actions in front of life. We will use the bibliographic research method, in works of authors who have already studied and deepened the subject and as a theoretical contribution to the description of the space the work Poetics of the Literary Space, by Oziris Borges Filho and for the analysis of existentialism the book O Ser e o Nada by the philosopher Jean-Paul Sartre. We believe that success succeeds overcome bad faith and live authentic.

Keywords: Literature; Des/encontro; Bad faith; Anguish; Existentialism.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el espacio en la obra *Desencuentro* del escritor Cearense João Uilson Vieira Filho. Para ello será necesario investigar de qué manera el narrador describe los aspectos relacionados con la angustia en la vida del personaje Lancimar; para verificar cómo los aspectos del pasado influyen en la vida cotidiana del personaje, contribuyendo así a una vida de angustia y, determinando, cómo Lancimar logra superar las actitudes de mala fe, asumiendo así sus acciones hacia la vida. Utilizaremos el método de investigación bibliográfica en trabajos de autores que ya han estudiado y profundizado el tema; como contribución teórica a la descripción del espacio, la obra Poética del espacio literario de Oziris Borges Filho y, para el análisis del existencialismo, el libro O Ser e o Nada do filósofo Jean-Paul Sartre. Creemos que el éxito triunfa superar la mala fe y vivir auténtico.

Palabras clave: Literatura; Des/encuentro; Mala fe; Angustia; Existencialismo.

1. Introdução

Des/encontro, livro do escritor Cearense João Uilson Vieira Filho¹, trata-se de um romance, que relata a vida do conturbado e controverso personagem Lancimar, o qual tem que lidar com muitos conflitos existenciais. A história, como o próprio título sugere, marca esse

¹ João Uilson Vieira Filho é natural de Barbalha no Estado do Ceará. Estudou Filosofia em Belo Horizonte - Minas Gerais, quando fazia parte da Congregação Religiosa Filhos de Maria Imaculada/Pavonianos. Atualmente é Professor de Filosofia do Instituto Federal do Sul Minas Gerais – IFSULDEMINAS e cursa Mestrado em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. E-mail: joao.uilson.vieira@gmail.com

jogo de desencontros e de encontros, exigindo do leitor bastante atenção aos detalhes de construção do espaço e imaginação para preencher as muitas perspectivas do texto.

Ao longo da narrativa percebemos um personagem perdido em uma velha casa desarrumada, onde, de certa forma reflete o próprio estado emocional em que ele se encontra. Nesse ambiente, cada detalhe, como por exemplo, o ato de abrir uma porta, subir uma escada ou atender um telefone, nos leva a refletir sobre o processo de escolhas, de angústia, de má-fé, enfim, de liberdade. Conceitos relevantes à filosofia existencialista sartreana.

Mas, a personagem não só tem que lidar com as escolhas simples do cotidiano, na verdade, ele tem um presente com um fundo, que é o passado com o qual tem que lidar e, para isso, terá que vencer o próprio sono e a angústia na tentativa de resolver o seu projeto futuro que se delinea a cada passa da narrativa. O narrador constrói uma atmosfera de desolação e ao mesmo tempo de inquietude onde o espaço contribui para a construção de sentido da narrativa, uma vez que os elementos interagem para a construção subjetiva da personagem.

2. Metodologia

O presente artigo utiliza o método de pesquisa bibliográfica, segundo Pereira et al (2018, p. 36), no livro de Metodologia da Pesquisa Científica, “os artigos científicos são documentos científicos que apresentam textos atuais sobre experiências realizadas, relatos de casos, revisões de literatura etc” (Shitsuka, et al, 2018, p.36). No caso, utiliza-se aqui revisão de literatura.

A metodologia bibliográfica tem como objeto de estudo obras de autores que já investigaram sobre o assunto, uma vez que esse tipo de pesquisa “[...] tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria *bibliografia* sobre o tema ou o objeto de pesquisa que se pretende investigar” (grifos do autor), (Tonazi-Reis, 2010, p. 42). Dessa forma, buscou-se analisar o romance *Des/encontro*, de João Uilson Vieira Filho a partir dos conceitos do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, principalmente os conceitos de má-fé. Desta forma, procurou-se discutir, problematizar e propor reflexões acerca da vida e dos problemas existenciais ligadas à personagem Lancimar.

3. Resultados e Discussão: o espaço como lugar de angústia

O narrador personagem tem o nome de Lancimar, o qual é a mistura de *Lan*, que vem do nome Lampião, o cangaceiro, o *Ci*, de (padim) Padrinho Padre Cícero do Juazeiro e *Mar*,

de Dragão do mar. Todas essas referências históricas são importantes no Nordeste Brasileiro. Embora o nome Lancimar seja construído a partir da junção de nomes de personagens históricos reconhecidos por força, bravura, religiosidade e determinação, a personagem do livro *Des/encontro* está muito mais voltada para questões relacionadas para a própria subjetividade, talvez por causa da fragilidade em que é descrito na maior parte da narrativa, embora se diga que também é um retirante e que teve muitas conquistas, no entanto, nada comparadas as das figuras em questão.

Tais aspectos evidenciam-se logo a partir do momento que o narrador vai dando-nos a conhecer o espaço de uma velha casa abandonada e ao mesmo tempo vai deixando-nos adentrar em seu mundo interior, o qual está tão conturbado quanto a penumbra do velho casarão que ele quer demonstrar, como se pode ver no primeiro parágrafo da narrativa:

Ao entrar no quarto, fui surpreendido com as roupas fora do lugar, livros espalhados pelo chão, um escuro assombrador e um cheiro muito forte devido a janela estar fechada. Toda a casa estava abandonada e meu quarto refletia este abandono. Enquanto eu caminhava pelo quarto em direção ao lugar que mais me agradava, olhava para toda aquela desordem e via que o tempo definitivamente tinha passado. Puxei a cortina, abri a janela e senti levemente o vento tocar meu rosto e as lembranças o meu corpo. O meu olhar foi longe, confuso, talvez ao lugar de onde saí ou, quem sabe, não tão longe, mas buscando um reflexo que me levasse para dentro de mim mesmo. (Vieira Filho, 2011, p. 13).

Como se percebe o narrador vai descrever os aspectos de seu próprio quarto, o qual está escuro, desarrumado, malcheiroso e sem ventilação. Pela sua surpresa, dá a entender que o personagem já viveu ali há algum tempo no passado remoto, mas que está ausente, por algum motivo que a narrativa não esclarece.

Os lugares, como afirma Yves Reuter (2007), no livro *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*, “[...] participam, então, como outros procedimentos para a construção do efeito real”, (Reuter, 2007, p. 52). Dessa forma, as descrições do espaço aqui demonstram tanto as condições geográficas como existenciais, como afirma Cláudia Barbieri (2009), “o espaço em relação à obra pode originar ao mesmo tempo referências geográficas, sociais ou históricas, ou, ainda contemplar diferentes instâncias existenciais ou ontológicas” (Barbieri, 2009, p. 107).

O narrador cria um ambiente, “conjunto de elementos materiais e/ou espirituais que enformam o local onde atuam os personagens” (Pinto, 2011, p. 78), no entanto é justamente esse aspecto existencial que queremos ressaltar aqui, uma vez que o personagem se encontra

em meio a uma crise, o que se evidencia tanto pelos aspectos físicos do espaço como aos aspectos de seu mundo interior conturbado.

Sentei-me na cama, meus olhos pesavam, pois não havia dormido bem na noite anterior, e aquelas duas últimas horas me incomodavam desesperadamente. Tudo o que ocorrera, de alguma forma, dava-me uma sensação de bem estar e de dor, um querer viver de outra forma a solidão desejada, sendo consequência de um sentimento claro e obscuro, conforme condição incerta do existir. Um estar sem escolher, um sentir sem perceber, talvez, para mim e para poucos, o mal de quem vive (Vieira Filho, 2011, p. 14).

Vemos claramente um jogo de dubiedade que retrata o momento de angústia frente às possibilidades do mundo e de escolha, “[...] a descoberta da liberdade não é uma experiência jubilosa” (Perdigão, 1995, p. 112), como bem ressalta Jean-Paul Sartre ao dizer que a “[...] angústia é o reconhecimento de uma possibilidade como minha possibilidade, ou seja, constitui-se quando a consciência se vê cortada de sua essência pelo nada ou separada do futuro por sua própria liberdade” (Sartre, 2009, p. 80). Desse modo o personagem percebe que está ali sem escolher, jogado no mundo e que essa, portanto, é uma condição de quem vive. O que não descarta a ideia de que o homem seja livre, uma vez que nossa liberdade deve ser pensada a partir do mundo.

No decorrer da narrativa ele percebe que cada detalhe, mesmo as coisas mais simples do seu cotidiano exigem uma escolha, coisa que a maioria das vezes faz-se automaticamente, com a consciência não posicionada, ele procura refletir, “[...] levantei-me bruscamente em direção à porta. Em vez de abri-la e sair, simplesmente parei. Girei a chave trezentos e sessenta graus na fechadura e fiquei inerte. Por fora ou por dentro, se não eu, ninguém mais poderia abri-la” (Vieira Filho, 2011, p. 16).

Nesse processo em que ele nota que mesmo as coisas do dia a dia exigem uma escolha, no entanto há sempre o medo, a vontade de fugir da realidade. “[...] O telefone tocava. Mesmo com o desejo enorme de atender, me perguntava quem poderia ser e, impaciente, com o coração acelerado, demorava, sem locomoção, evitando o telefone” (Vieira Filho, 2011, p. 16). Numa certa atitude de má-fé, onde “eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo” (Sartre, 2009, p. 94). É uma jovem ao telefone, certamente Iaga e por isso ele está a evitar, não quer falar sobre o assunto.

No entanto, mesmo sua consciência tentando fugir o tempo todo, evitando a angústia por ter que escolher, evidenciando o quanto “é difícil lidar com a liberdade” (Warburton, 2004, p. 214), ele resolve atender ao telefone e ouvir os questionamentos da mulher, que quer

saber por que ele havia feito o que fez, no que ele conclui: “não havia escolha e, se houvesse, aquela foi a minha” (Viera Filho, 2011, p. 18). Como se percebe, ele sente “[...] a vertigem da liberdade, a ânsia paralisante, a náusea psíquica que colhe o indivíduo quando examina as infinitas possibilidades, positivas e negativas de sua existência” (Nicola, 2005, p. 387). Todavia, em algum momento ele precisa decidir, é forçado pelas circunstâncias a tomar alguma atitude.

Portanto, o narrador cria uma atmosfera ao descrever o espaço, o qual é a própria personificação da personagem que está vivendo uma situação de angústia, “condição primordial para que o indivíduo faça a passagem existencial, tirando-o de sua conduta habitual” (Soares, 2011, p. 264), frente aos últimos acontecimentos, e a descoberta de que ele “[...] não é um ser concluído” (Prestes, 2006, p. 153), dessa maneira, nesse cotidiano da personagem que vai sendo desvelado a cada frase lida no texto, ficamos sabendo de um incidente:

Eu e Iaga caminhávamos no Parque das Aves, local bem conhecido de ambos. Juntos estávamos prestes a entrar numa curva rumo à trilha que dava para o monumento da águia, quando fomos surpreendidos por um homem de branco, magro e alvoroçado. O sujeito dirigiu-se a Iaga com estranha agressividade e, no ato de protegê-la, puxei-a segurando em seguida os braços compridos do sujeito. Este nos surpreendeu com uma arma de fogo (Vieira Filho, 2011, p. 19).

Desta forma, descobrimos que houve um tiro onde o próprio dono da arma fora atingido e o casal saiu correndo. Ele a deixa em sua casa e vai se refugiar em sua antiga casa onde a encontra abandonada e ao mesmo tempo começa a perceber-se da mesma forma numa reflexão contínua sobre sua condição de vida, talvez impulsionada pela condição de medo e aflição por causa do ocorrido.

Além das descrições do interior da casa, o narrador demonstra que está chovendo lá fora. Uma tempestade destrói tudo em sua volta, causando caos na cidade, a qual ele não nomeia, mas que pelos aspectos dá a entender que é uma cidade Mineira.

Dessa forma, os aspectos do espaço referente a condição da natureza exterior a casa também se tornam temas para a reflexão subjetiva presentes na personagem em conflito existencial, como se lê: “Quase ninguém notava o desabrochar das flores e o cair das folhas. A vida em seu começo e fim passava despercebida. O Seco e o verde só eram vistos no verão e no inverno. Os olhares não viam com clareza a beleza existente entre o viver e o morrer” (Vieira Filho, 2011, p. 23).

Se por um lado o narrador nos diz que a personagem tem consciência da finitude, do viver e do morrer, por outro lado, há certa ambiguidade, uma luta ao mesmo tempo para esquecer, por isso, o sono é uma questão que ele tem que lidar, “eu, agora em outro mundo, distante de todos até de mim mesmo, refugiava-me na lerdeza do sono, entre o consciente e o inconsciente. Num estado pré-consciente. Eis uma forma que encontrei para me esconder da realidade, talvez ela fosse dura demais para mim” (Vieira Filho, 2011, p. 26).

Cabe ressaltar, como pensam os existencialistas, o inconsciente não se trata de conteúdos que não possam ser acessados, mas de uma consciência não posicionada, como se percebe a personagem quer de certa forma esquecer, no fundo ele está em um estado de má-fé, tentando esconder de si mesmo a realidade para não decidir vivê-la. Como afirma Sartre, “[...] todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé” (Sartre, 1970, p. 16).

No entanto, aparentemente ele toma coragem para seguir em frente, tanto fisicamente como psicologicamente e isso é demonstrado com um rompimento do próprio tempo da narrativa, como se lê:

[...] Me vi levantar e abrir a porta do quarto me dirigindo em seguida para a sala, atravessando o obscuro corredor, uma espécie de espinha dorsal, que dividia a casa. Esqueci-me de todas as preocupações que me fizeram refugiar ali e a cada passo retomava na lembrança, de forma fragmentada, os fatos, as pessoas e a minha vida. Sem estagnação, à medida que avançava em meio ao corredor escuro, assumia a minha história, as dores e os prazeres, tristezas e alegrias e, passo a passo, ora segurando nas paredes, ora a passos firmes, eu ia experimentando a existência (Vieira Filho, 2011, p. 26).

No texto, de forma simbólica há uma quebra, e isso acontece quando Lancimar entra em um corredor como se fosse um túnel do tempo. Assim encontramos outra casa, esta aconchegante e nela não mais um jovem, mas o velho Lancimar. Embora alguns aspectos do espaço físico tenham mudado os aspectos existenciais ainda estão se configurando.

3.1. O espaço interno como condição existencial

De repente há uma mudança no estilo de narração, a partir do terceiro capítulo que, até então era em primeira pessoa, o texto passa a ser narrado em terceira pessoa, além de uma mudança no cenário e a personagem Lancimar se encontra em outro espaço: em uma casa, no

entanto não mais como a outra, suja, malcheirosa e bagunçada, mas aconchegante, cheia de luz,

Na casa em frente à lareira acesa está um ancião sentado em uma poltrona antiga e lendo um pequeno livro que ele mesmo escrevera. Próximo dele encontra-se um tabuleiro de xadrez pronto para começar o jogo. Uma linda melodia toca suavemente o corpo do velho leitor. Este parece estar sozinho. Como um recém-nascido, não conhece muito, trancado no ventre materno e pouco conhecido. De repente, o velho levanta-se bruscamente e vai até a cozinha, pois lembrou-se de que tinha deixado no fogo um pouco de água fervendo para fazer o seu sagrado café (Vieira Filho, 2011, p. 30).

Nesse novo cenário tudo remete a uma percepção dos sentidos, onde cada vivência é marcada pela experiência que ele tem das coisas. Ele está frente ao mundo como uma criança, para ele tudo é novidade, espanto e, portanto, precisa ser vivenciado. Nota-se pelos objetos, os quais representam o espaço que são percebidos pelos sentidos, como lembra Oziris Borges Filho ao dizer que “em um texto literário, inúmeros são os recursos sonoros que o narrador usa para criar efeitos de sentido” (Borges Filho, 2009, p. 176).

Existe a sensação do calor aconchegante da lareira, portanto o dia está frio, ele está em uma poltrona antiga, certamente confortável de sentar, senão não estaria preservada por tanto tempo ele saboreia uma leitura, vivencia o gosto estético. Evidentemente que o livro é seu, o que remete a memória de sua própria vida, o jogo de xadrez demonstra a reflexão, o tempo para o ócio, ao mesmo tempo, a vontade de acolher, uma vez que está esperando alguém para jogar, o que denota solidão, “desamparo e angústia caminham juntos” (Sartre, 1970, p. 10).

Diferente do outro contexto, agora ele toma suas decisões rapidamente, levanta decidido a fazer o que deveria, o que planejou: um café, o qual ele sentirá o sabor e o aroma gostoso. Demonstrando nesses simples atos do cotidiano que ele é responsável pelo que ele é. Todos esses pontos remetem a noção sutil de espaço, o qual é captado pela amplidão dos sentidos. Nesse sentido, Lancimar é surpreendido por uma estranha visita, de alguém que aparentemente desejava se abrigar da chuva, “[...] – Desculpe-me senhor, eu não tenho para onde ir... Estou com frio... Ajude-me” (Vieira Filho, 2011, p. 31). No entanto, a verdade é que ela foi expulsa de casa, naquele mesmo dia, porque sua avó descobriu que ela estava grávida. Nesse novo cenário ele encontra-se mais tranquilo, sem tantos problemas a resolver como no primeiro cenário, porém ainda terá que lidar com o passado, que já não existe mais, no entanto continua presente influenciando o seu dia a dia.

A jovem vai passando o tempo a conversar com o velho Lancimar, aos poucos vai olhar as fotos, a casa, enfim, vai adentrando na intimidade do enigmático ancião. Em certo momento, ela descobre a grande tragédia que acontecera na vida no anfitrião, “Sua esposa tinha sido assassinada em um assalto. O Sr. Lan fora baleado, herdando no corpo as cicatrizes do episódio. Ele nunca acreditou ser curado dos pensamentos que lhe atormentavam e, por isso passou a viver sozinho renegando o mundo externo a sua casa” (Vieira Filho, 2011, p. 71). Lancimar descobre ao conversar com a jovem Isa que ela é neta de Isabel Fontana, uma velha amiga muito querida, mas que ele havia perdido contato. Isabel foi muito importante na vida de Lan, vejamos “Lan e Isabel foram amigos de infância. Conheceram-se bem antes de sua partida. Ele foi e voltou. Mesmo distante, talvez, um tivesse o outro na memória. Entretanto, nunca mantiveram contato, possivelmente por terem se separado muito cedo, sem a maturidade exigida entre amigos (Vieira Filho, 2011, p. 67). O fato de encontrar a jovem Isa faz com que ele retome a sua história e dessa forma surge a possibilidade de resolver aparentemente os seus muitos conflitos internos, que acumulou ao longo da vida, “O senhor Lan contou-lhe tudo ou quase tudo. Contou-lhe de seu retorno ao povoado, como conheceu a avó da moça, contou-lhe de seu grande amor, das perdas. Só não lhe contou do distanciamento de Isabel Fontana. A cada palavra revivia nas lembranças o passado agora guardado em fotos” (Vieira Filho, 2011, p. 66). Como a jovem Isa está grávida e fora expulsa de casa pela avó, o velho Lancimar vai deixá-la em sua casa e dessa forma convencer sua amiga Isabel a receber a neta de volta, uma vez que esta está grávida, com isso ele encontra a velha amiga e também o passado, reconciliando-se com a sua própria história.

Por fim, ele atravessa outra vez o corredor e há novamente uma quebra na narrativa, que retorna a primeira pessoa e Lancimar reaparece na sala de sua antiga casa, “no dia seguinte, lá estava eu estendido na cama, como se eu tivesse dormido a vida toda” (Vieira Filho, 2011, p. 86). Criando assim uma espécie de descontinuidade temporal na narrativa, onde “[...] o espaço, o tempo histórico e cronológico, em uma narrativa poética, sofre a ação da interioridade das personagens que também o impulsionam para a esfera mítico-poética, criando uma espécie de descontinuidade temporal” (Camargo, 2009, p. 22). No entanto ele não é mais o jovem de antes, mas um velho, o que não significa que ele tenha resolvido seus conflitos existenciais.

3.2. Encontros e desencontros: a superação da má-fé?

A vida da personagem Lancimar é marcada por encontros e desencontros, mas nós leitores precisamos fazer uma escolha, fazer uma síntese, um encontro, um rio para onde converge a narrativa, se é que isso é possível, talvez a saída não seria justamente não ter encontros possíveis? Que desencontros foram esses? Ora, no início da narrativa Lancimar se encontra aflito em seu antigo quarto, atordoado pelo fato de ter sido abordado por um assaltante que tenta roubá-lo e sua amada Iaga, a qual está viva, em outra casa, tanto é que ela liga para ele para Lancimar para saber como ele está e porque revidou a agressividade do assaltante.

Do outro lado da linha, ela respondeu baixinho, e eu, não querendo desligar, terminei por baixar o telefone no gancho. Fiquei pensando se porventura, realmente viesse a ser morto. Eram tantos os pensamentos que me vinham. Todavia, a única coisa que me importava era o fato dela estar viva, de ter salvado a vida dela, o resto seria apenas o resto. Eu poderia morrer. Nada mais me importava se não a dor de, em vida, nunca mais a ter (Vieira Filho, 2011, p. 19).

Lancimar está aflito. Sonolento com o peso da realidade. De repente ele aparece em outro cenário. Agora já é velho. Portanto, há um desencontro de espaço e de tempo, no entanto os problemas ainda permanecem e com eles o sono e a fragilidade da velhice,

Enquanto isso, a chuva não para, mais fraca, apenas uma pequena garoa. Assim também o velho não consegue parar. Quando bate o sono, ele até tenta não se entregar, o seu corpo, porém, não mais lhe obedece e o que lhe resta é simplesmente contemplar o padecer de sua vontade, já deitado e olhando pela janela do seu quarto, faz da vida uma viagem, vai a lugares mamais habitados (Vieira Filho, 2011, p. 30).

Quando ele encontra a jovem Isa descobrimos outros desencontros que ocorreram em sua vida. Isabel Fontana, alguém que conheceu ainda na infância. A partir disso, ele leva a jovem que havia sido expulsa de casa, reencontrando-se com Isabel e fazendo com que as duas se reconcilie. Naquele ambiente há uma conciliação com um aparente passado, no entanto, há outra ruptura e novamente a personagem retorna para seu antigo ambiente: a sua casa, mais uma vez há um reencontro, mas não ocorre o mesmo com tempo, ele continua velho,

No dia seguinte, lá estava eu estendido na cama, como se eu estivesse dormido a vida toda. A agitação de antes dava lugar a calma como sinônimo de recomeço. Deitado,

não via e nem pensava em outra coisa senão a proximidade entre o sonho e o real. Não mais sabia se eu estava dormindo ou acordado (Vieira Filho, 2011, p. 86).

A partir desse parágrafo é possível fazermos uma escolha entre as muitas possíveis: uma delas é que Lancimar estava muito agitado com a situação ocorrida e não aguentou a pressão, dormiu por horas e horas, no estágio de Má-fé, querendo fugir da realidade. A outra possibilidade é que ele viveu tudo aquilo, uma vez que acordou velho. Esse segundo ponto, no entanto ainda não o salva da má-fé,

Entre o jovem e o velho, entre a sonolência e a lucidez, entre o sonho e a realidade havia uma vida, uma história e eu era parte de tudo isso. Foi então que abri os olhos, me levantei e fui até a janela. O lugarejo não era o mesmo. Tudo estava mudando e eu, com a minha idade, não precisava mais me esconder, parei de fugir e, simplesmente, permaneci no quarto, no meu antigo quarto, de lá era possível ver de longe e eu gostava disso, como também, de ficar olhando as pessoas passarem na rua (Vieira Filho, 2011, p. 87).

Como se percebe, dá a entender que embora ele tenha dormido, a vida aconteceu. Mas isso não nos livra do embaraço, “[...] os meus pensamentos iam longe e sempre trazendo consigo Iaga, esta eu não a via mais sozinha. A Bela Iaga passava agora a vir junto de Isa e Isabel, não saberia dizer a distância exata entre elas, entretanto, sei, são pessoas que mesmo em tempos diferentes me fizeram companhia” (Vieira Filho, 2011, p. 87).

Assim, o autor finaliza sua narrativa. Que não é nada esclarecedora. Afinal, Iaga não morreu? O que as três personagens têm em comum além da inicial do nome? Seria Isabel mãe de Iaga e esta por sua vez mãe de Isa? Estaria Lancimar em um estado de loucura a ponto de não saber mais o que é real e o que é imaginação, bem como o sono e a vigília? Essas são perguntas que nós fazemos ao final dessa narrativa. Uma coisa é certa: as muitas possibilidades de condução da narrativa, seja qual delas o leitor possa escolher, em todas elas Lancimar vive em um estado de má-fé. Preferindo o sono a vigília e isso se dá pelo medo de viver.

Se no início da narrativa Lancimar teve um conflito na rua e foi se refugiar na sua antiga casa. No final da narrativa, embora o narrador afirme que a personagem parou de fugir, ele continua preso em seu quarto, o que pode simbolizar ele mesmo, sua introspecção, olhando de longe as pessoas passarem na rua enquanto continua escondido, enclausurado, o que de certa maneira pode representar certo medo do mundo, de enfrentar a vida de forma autêntica.

4. Considerações Finais

Verifica-se longo da leitura e análise do espaço do livro *Des/encontro* múltiplas possibilidades de compreensão, no entanto, em todas elas Lancimar vivendo uma grande má-fé. Há sempre o sono como fuga da realidade que ele tem medo de enfrentar. Não há nenhuma evidência que ele tenha enfrentado a vida, que ele tenha resolvido os problemas que lhe afligiam de forma objetiva – o tiro em um assaltante. A apenas o refúgio do medo, a espera para o tempo passar e sono, afinal é no sono que a vida acontece para ele. No final da narrativa o vemos despertar, voltar ao estágio inicial da narrativa, no seu velho quarto, no entanto, toda sua vida foi um grande sonho. Agora ele não tem mais medo da realidade, acalmou-se, pois, o tempo havia passado, todavia os problemas continuam lá. Ele ainda é um assassino refugiado em sua casa olhando de longe a sociedade.

Será significativo que para trabalhos futuros sobre o objeto em questão se busque a ampliação e o aprofundamento de filósofos existencialistas, bem como o diálogo com outros saberes a fim de expandir a reflexão e gerar maior conhecimento de forma significativa.

Referências

- Barbieri, C. (2009). Arquitetura literária: sobre a composição do espaço narrativo. In: *Poéticas do espaço literário*. Oziris Borges Filho, Sidney Bargaosa (Org). São Paulo, SP: Editora Claraluz. 105-127.
- Borges Filho, O. (2009). Espaço, Percepção e Literatura. In: *Poéticas do espaço literário*. Oziris Borges Filho, Sidney Bargaosa (Org). São Paulo, SP: Editora Claraluz. 167-189.
- Camargo, L. M. C. (2009). Um olhar sobre o espaço em *The god Small Things*. In: *Poéticas do espaço literário*. Oziris Borges Filho, Sidney Bargaosa (Org). São Paulo, SP: Editora Claraluz. 7 - 30.
- Nicola, U. (2005). *Antologia ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo.
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Pereira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Santa Maria, RS: UFSM, NTE.

Perdigão, P. (1995). *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM

Prestes, L. S. D. (2006). A filosofia da educação em Sartre. In: *Temas em filosofia da educação*. Evandro Ghedin (Org). Manaus: Editora Valer.

Pinto, Z. (2011). *O texto nu - teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação*. (2a ed.) Manaus: Editora Valer.

Reuter, Y. (2007). *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução de Mário Pontes. (2a ed.) Rio de Janeiro, DIFEL.

Sartre, J. P. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel.

Sartre, J. P. (2009). *O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. (17a ed.) Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes.

Soares, J. (2011). *Filosofia do direito*. Curitiba: IESDE Brasil S.A.

Tonazi-Reis, M. F. de C. (2010). *Metodologia da Pesquisa*. (2a ed.), Curitiba: IESDE Brasil S.A.

Vieira Filho, J. U. (2011). *Des/encontro*. Belo Horizonte: O Lutador.

Warburton, Nigel. (2014). *Uma breve história da filosofia*. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre, RS: L&PM.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Ronilson de Sousa Lopes – 45%

Claudia da Silva – 35%

Luciano da Silva Façanha – 20%